

## DEUS EM MIM OU DEUS PRA MIM?

---



"[11] Então Jesus tomou os pães, deu graças e os repartiu entre os que estavam assentados, tanto quanto queriam; e fez o mesmo com os peixes. [12] Depois que todos receberam o suficiente para comer, disse aos seus discípulos: 'Ajuntem os pedaços que sobraram. Que nada seja desperdiçado'. [13] Então eles os ajuntaram e encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada deixados por aqueles que tinham comido. [14] Depois de ver o sinal miraculoso que Jesus tinha realizado, o povo começou a dizer: 'Sem dúvida este é o Profeta que devia

vir ao mundo'. [15] Sabendo Jesus que pretendiam proclamá-lo rei à força, retirou-se novamente sozinho para o monte... [25] Quando o encontraram do outro lado do mar, perguntaram-lhe: 'Mestre, quando chegaste aqui?' [26] Jesus respondeu: 'A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram [entenderam] os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos.'" (João 6.11-15, 25-26 – Nova Versão Internacional).

### 1. INTRODUÇÃO

Pense por alguns instantes e responda a si mesmo a seguinte questão: **O que Deus é para você, objeto ou objetivo?** Lembrando que o termo "objeto" se caracteriza, dentre outras coisas, por mercadoria ou bem de consumo. O termo "objetivo", por sua vez, expressa a ideia daquilo que se pretende alcançar quando se realiza uma ação. É o que move as pessoas a agirem ou a tomar alguma decisão. Mantenha sua resposta em mente porque retornaremos a essa questão ao final deste estudo.

A passagem bíblica acima é parte do relato do único milagre registrado em todas as quatro narrativas do Evangelho. Através dele, o Senhor Jesus alimenta numerosa multidão que o seguia intrigada com seus milagres (vv. 1-14). Entusiasmada com a capacidade de Jesus de alimentá-la, a multidão pretendia arrebatá-lo para proclamá-lo rei (v. 15). Com essa ideia em mente, a população se mobilizou para encontrar o Senhor Jesus onde quer que ele estivesse (vv. 22-24). Ao ser localizado, o Senhor Jesus contesta os motivos da busca. Mas quando a multidão ainda assim insiste em o tornar rei, ele critica os aspirantes à súditos e se apresenta como o verdadeiro Pão do céu (vv. 25-31). Esse duro ensinamento acabou por ofender e afastar a muitos que se consideravam "discípulos" de Jesus (vv. 60-66). Isso porque a maioria deles via somente o alimento e não conseguia enxergar além da esfera da provisão material – que apontava para a natureza messiânica de Jesus. Eles seguiam a Cristo por causa do que ele fazia, e não por quem de fato ele era. Era gente interessada nos milagres de Jesus, sem demonstrar, no entanto, o mesmo apreço pela sua companhia.

Após quase dois mil anos, o episódio da primeira multiplicação dos pães ainda tem muito a falar conosco, principalmente por causa da similaridade desse acontecimento com os dias atuais. De modo geral, é lamentável que as pessoas hoje em dia não estejam à procura de um Deus ao qual elas possam

servir e adorar. O que elas desejam é um super-herói que solucione seus problemas e esteja sempre atento quando for preciso socorrê-las. Mesmo no meio evangélico a situação não é muito diferente. Se fizermos sincera análise introspectiva, concordaremos que, nos dias atuais, na maioria das vezes estamos mais interessados nos **presentes** de Deus, do que na simples **presença** dEle entre nós. Valorizamos mais as **mãos** de Deus do que o esplendor de Sua **face**. Não demonstramos interesse por quem Deus é, tanto quanto por aquilo que Ele é capaz de fazer por nós. Não raramente queremos o pão que o Senhor Jesus dá, mas não o pão que Ele é. Ignoramos o fato de que as ações benevolentes de Deus têm por objetivo nutrir a nossa fé e não simplesmente saciar os nosso gostos, desejos e interesses pessoais – mesmo que eles sejam merecidos ou válidos. De modo que, se glorificamos a Deus somente quando Ele faz grandes coisas por nós, com certeza não O estamos servindo, nós apenas O estamos usando. Tal realidade coloca cada um de nós diante de uma difícil questão: Em nossa praticidade de vida, o nosso *slogan* tem sido “**Deus em mim**” ou “**Deus pra mim**”? Em outras palavras, vamos até o Senhor Jesus com a intenção de usar a nossa fé para objetivos próprios, ou vamos como alguém disposto a deixá-Lo reinar no coração? É o que nós discutiremos a seguir.

Que o Espírito Santo ilumine nosso coração e nos forneça a porção necessária, de conhecimento e compreensão, para a correta interpretação das Sagradas Escrituras; e que este presente estudo, seja verdadeiro veículo na condução da nossa vida à centralidade da vontade de Deus, e ao retorno do reconhecimento e valorização de Sua santa presença entre nós!

## 2. O SIGNIFICADO BÍBLICO E ESPIRITUAL DO TERMO “PÃO”

Desde o início do seu ministério, o Senhor Jesus sempre deixou claro que, a sua missão na terra, tinha como objetivo ensinar os princípios relacionados com a vida eterna e não apenas propor soluções mágicas para problemas transitórios. Embora tivesse passado muito tempo em atendimento às necessidades físicas das pessoas, o verdadeiro propósito do Senhor Jesus estava voltado para a salvação eterna. Por essa razão ele declarou: “*Eu lhes digo a verdade: quem ouve minha mensagem e crê naquele que me enviou tem a vida eterna. Jamais será condenado, mas já passou da morte para a vida*” (João 5.24 – NVT). O episódio da multiplicação dos pães serviria propositadamente como ilustração dessa verdade. A intenção do Senhor Jesus era, através de um jogo de palavras e simbolismos, mostrar que assim como há necessidade humana de nutrição na dimensão física, o mesmo ocorre na esfera espiritual. E que ele, Jesus, era o alimento espiritual de que todo ser humano precisava. Para isso, Cristo se utilizou da figura do pão – alimento essencial, básico e considerado pelos judeus como dádiva de Deus.

O pão lembra o nascimento corpóreo de Cristo, uma vez que Belém significa “casa do pão”. Trata-se do alimento mais elementar da mesa do povo, sendo uma analogia da alimentação em geral, não apenas no sentido de concessão da vida, mas também da sua sustentação e nutrição. O pão ainda serve como analogia de hospitalidade, família e comunhão à mesa. Na passagem bíblica em questão, o

Senhor Jesus apresentou a si mesmo como o verdadeiro pão que desceu do céu. O objetivo era mostrar que, assim como o pão material é alimento para o físico, o “Pão de Deus” é fonte de alimento para a vida espiritual. Jesus lhes oferecia a si mesmo como alimento espiritual que asseguraria a vida eterna. A oferta do Senhor Jesus, porém, não foi bem recebida pelos judeus e *“muitos de seus discípulos se afastaram dele e o abandonaram”* (v. 66) porque queriam apenas a repetição do milagre do maná, ocorrido durante o período de peregrinação do povo de Israel pelo deserto rumo à Terra Prometida (v. 34). Os judeus queriam de Jesus pão em troca de fé (v. 30), o recebimento do que é material em troca daquilo que é espiritual – infelizmente o mesmo acontece em nossos dias.

### 3. A EQUIVOCADA COMPREENSÃO DA MISSÃO DO MESSIAS

Em linhas gerais, o termo “Messias”, do hebraico מָשִׁיחַ (*Māshîyah*), designava todo **homem de Deus encarregado de uma missão para com o povo, e que servia como instrumento do plano divino de salvação**. No Antigo Testamento, o título era aplicado na maioria das vezes ao rei de Israel. Acreditava-se que era preciso de uma realeza terrena para trazer salvação futura e, tal esperança, também deveria se realizar inteiramente na esfera terrena, a exemplo do que fizera Moisés. Tal crença era fundamentada em um trecho da lei mosaica que predizia o ministério do Messias: *“Levantarei um profeta como você do meio de seus irmãos israelitas e porei minhas palavras em sua boca, e ele dirá ao povo tudo que eu lhe ordenar”* (Deuteronômio 18.18 – NVT).

No período do Novo Testamento, havia várias concepções acerca da figura e do papel do Messias. Na época de Jesus, o tipo de Messias predominante era o “Messias político”, ou simplesmente, o “Messias judaico”. Sob a dominação grega, o nacionalismo judaico alcançara seu desenvolvimento máximo. Esperava-se então um rei totalmente terreno, político, e não um ser celestial que surgiria sobre a terra de forma milagrosa. Para uns, o Messias seria um rei pacífico, que desempenharia papel essencialmente político. Para outros, mais numerosos, haveria de ser um soberano combativo cuja primeira preocupação seria a de derrotar todos os inimigos de Israel. Essa é, inclusive, a ideia central defendida em um dos “Salmos de Salomão”<sup>1</sup>, veja:

*“Desperta-lhes um rei, o filho de Davi, no tempo que tenhas escolhido para que reine sobre teu servo Israel; cinge-o com o teu poder de modo que aniquile os tiranos ímpios e purifique a Jerusalém dos pagãos que a mancham com seus pés... Então ele reunirá um povo santo que ele governará com equidade, e julgará as tribos do povo santificado pelo Senhor seu Deus, e dividirá entre eles o país..., e os estrangeiros não terão o direito de trabalhar no meio deles..., submeterá os pagãos sob seu jugo,*

<sup>1</sup> **Salmos de Salomão**. Escritos provavelmente em torno do ano 60 a.C., são um grupo de dezoito salmos pseudoepígrafos (erroneamente atribuídos a Salomão) e apócrifos do Antigo Testamento (ou seja, rejeitados pelas principais correntes cristãs). Eram considerados perdidos, até que no século XVII foi encontrada uma cópia em grego, baseada num texto mais antigo em hebraico ou aramaico. Seu conteúdo é messiânico e crítico contra os sacerdotes e homens ricos, especialmente contra aqueles que entregaram o reino de Israel ao domínio do Império Romano.

*para que lhe sirvam, e glorificará publicamente ao Senhor aos olhos do mundo inteiro, e ele tornará Jerusalém pura e santa, como era no começo.*" (Salmos de Salomão 17.21-22, 26-30)

Portanto, **no conceito judaico presente nos tempos de Jesus entre os fariseus, o Messias cumpre sua missão em um plano puramente terreno; sua obra é a de um rei político de Israel, seja seu caráter pacífico ou guerreiro; é descendente de Davi e por isso leva também o título de “Filho de Davi”**. Foi em virtude dessa definição messiânica que o sumo sacerdote, Caifás, perguntou ao Senhor Jesus: *“Você é o Cristo [o Messias], o Filho do Deus Bendito?”* (Marcos 14.61 – NVT). Pretender o título e a função de Messias, significaria que Jesus tinha pretensões de restabelecer o trono de Davi; e, portanto, estabelecer um governo independente. Desta maneira o sumo sacerdote teria um motivo de acusação. Tanto é verdade que, quando Jesus compareceu diante de Pilatos, trazido pelo próprio povo e os principais sacerdotes (cf. João 18.35), a primeira pergunta do governador romano foi: *“Você é o rei dos judeus?”* (João 18.33 – NVT). O título de “Messias” se traduz aqui em categorias romanas. Para o governador romano, o Messias é o “rei dos judeus”. Na ocasião o Senhor Jesus não negou o fato de ser rei, mas explicou a Pilatos que o exercício do seu reinado não se daria na esfera política, terrena. Ele respondeu: *“Meu reino não é deste mundo. Se fosse, meus seguidores lutariam para impedir que eu fosse entregue aos líderes judeus. Mas meu reino não procede deste mundo”* (João 18.36 – NVT).

Jesus sabia que as ideias messiânicas judaicas eram essencialmente políticas, e nada estava mais distante dele que semelhante maneira de compreender sua missão. Na realidade, somente Jesus compreendia a verdadeira natureza de seu destino messiânico – a conquista da vida através da própria morte. Sendo assim, para prevenir de antemão todo mal-entendido, ele evitava cuidadosamente o emprego do título de Messias. Em vez disso, ele se identificava como o “Filho do Homem”, um ser celestial e não um rei terreno que dominaria o mundo depois de vencer os inimigos de Israel. É dessa forma que devemos entender a reação de Jesus diante da confissão de Pedro (cf. Marcos 8.29), de que ele era o Cristo [o Messias]: *“Os advertiu de que não falassem a ninguém a seu respeito [como o Messias]. Então Jesus começou a lhes ensinar que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes do povo, pelos principais sacerdotes e pelos mestres da lei. Seria morto, mas três dias depois ressuscitaria”* (Marcos 8.30-31 – NVT).

Até mesmo os discípulos de Jesus tinham em mente uma concepção errada a respeito da figura messiânica. Embora isso tenha sido explicado três vezes aos discípulos, eles não conseguiram compreender (cf. Marcos 8.27-33; 9.30-32; 10.32-45). Outro exemplo é o pedido que a mãe dos irmãos Tiago e João (cf. Mateus 4.21) fez a Jesus quando disse: *“Por favor, permita que, no seu reino [político, terreno], meus dois filhos se sentem em lugares de honra ao seu lado, um à sua direita e outro à sua esquerda”* (Mateus 20.21 – NVT). O sonho secreto que agitava o cérebro de Marta e de todos os discípulos de Jesus, era a esperança de vê-lo assumir a função gloriosa de um Messias

político. Por essa razão, Jesus não recusava verdadeiramente o título de Messias, mas antes, manifestava para com ele grande reserva frente a todas as imagens que se concentravam em torno do messianismo político.

#### 4. DEUS EM MIM OU DEUS PRA MIM?

No contexto da passagem bíblica objeto do nosso estudo, a popularidade do Senhor Jesus crescia cada vez mais. Ele já havia demonstrado capacidade de liderança e poder para curar qualquer ferido em batalhas. Agora as pessoas descobriram que ele poderia alimentar todo um exército. Diante disso, os judeus viram em Jesus o general invencível que poderia os conduzir à vitória contra os opressores romanos. Por essa razão, queriam fazer dele um rei. Mas o verdadeiro intuito não era servi-lo, e sim usá-lo. Para aquelas pessoas, o Senhor Jesus não era visto como o “rei da vida”, mas como o “rei supridor das necessidades básicas”. Não é essa a realidade presente em nossos dias? Não é isso o que revela o conteúdo da maioria das nossas orações? Muitas vezes não trocamos palavras que “*são espírito e vida*” (v. 63) por aquilo que até nos fornece saciedade momentânea, mas que não é capaz de evitar a nossa morte (v. 49)?

Se analisarmos a realidade evangélica dos dias atuais, principalmente do chamado “movimento gospel”, constataremos que os evangélicos – em sua ampla maioria – não querem pensar, querem sentir. Não querem doutrina, desejam novidades. Não querem estudar a Palavra, querem escutar testemunhos eletrizantes. Não querem adorar, querem shows. Não querem escolas bíblicas, querem circo. Não querem o Evangelho da Cruz, desejam o evangelho dos milagres. Não querem Cristo, e sim, as bênçãos de Cristo. Quando coisas desse tipo acontecem, o Senhor Jesus simplesmente se ausenta do local. É como se Ele dissesse: “*Se o que traz você à minha presença, não for o prazer pela minha presença, a sua presença na minha presença não significa nada*”. Em outras palavras, **o fato de estarmos na presença de Deus não é sinônimo de desfrute da presença divina.**

Infelizmente, vivemos em um período histórico onde a igreja evangélica brasileira se acostumou a conviver com interpretações bíblicas impessoais, descaracterizadas da pessoa do Senhor Jesus e da Sua verdadeira missão no mundo. Os famosos propagadores da adoecedora “teologia da prosperidade” – defensora da ideologia de implantação do Reino de Deus apenas no aqui e no agora e, ainda assim no âmbito material – ignoram por completo as palavras do Senhor Jesus, que disse: “*Eu vim para lhes dar vida [eterna, atemporal], uma vida plena [completa em todos os sentidos], que satisfaz [preenchimento ligado à satisfação de uma vontade ou necessidade; alegria, contentamento]*” (João 10.10 – NVT)... Nada do que é temporal, finito, é capaz de substituir o que é eterno. Foi nesse contexto que o apóstolo Paulo escreveu: “*Se nossa esperança em Cristo vale apenas para esta vida, somos os mais dignos de pena em todo o mundo*” (1Coríntios 15.19 – NVT). Ainda que o Senhor Jesus seja capaz de realizar milagres extraordinários em nossa vida, tais milagres não devem ser os pilares da nossa devoção a Ele.

A base da verdadeira relação com Deus é paternal e não comercial. Quando o nosso relacionamento com Deus quando é genuíno, ele se desenvolve dentro da clareza e da objetividade em saber que, ainda que para Deus – o nosso papaizinho querido – tudo seja possível, mesmo que eu tenha desejos pessoais válidos, voltados para as coisas da terra, as minhas petições sempre estarão direcionadas para que não seja feito o que eu quero, mas tão somente o que Deus quer (cf. Marcos 14.36). De modo que todos os meus desejos, vontades e sentimentos estarão alinhados à plena vontade de Deus, através do sacrifício de Cristo em meu favor (cf. Gálatas 2.20).

De volta ao texto bíblico, temos a informação de que os judeus queriam proclamar Jesus como rei “à força” (v. 15), isto é, sem que houvesse o desejo, a vontade ou mesmo a permissividade de Cristo. Para o povo, pouco importava o que Senhor Jesus pensava sobre a ideia de ser proclamado rei. Para aquelas pessoas, imperava o desejo imediato da coletividade em fazer dele um revolucionário político. Quantas vezes nós, à semelhança dos judeus do primeiro século, temos como objetivo comum fazer com que o Senhor Jesus se dobre totalmente ante à nossa vontade por causa da “força” das nossas orações, pela quantidade dos nossos “sacrifícios espirituais”, pelo suposto constrangimento gerado pela suntuosidade das nossas palavras ou pelos mais diversos rituais litúrgicos, que preparamos com o simples propósito de moldar o agir de Deus conforme o nosso bem-querer. Há até quem elabore agendas com datas específicas para cada tipo de milagre que Deus terá que operar, não por livre vontade divina, mas pela força de uma série de “promessas” bíblicas, associadas com o nome de Jesus ao final de cada reivindicação pessoal.

De acordo com narrativa bíblica, a recusa de Jesus em permitir que as pessoas o proclamasse rei, frustrou a maioria dos candidatos à “súditos” de Jesus. Como resultado, “*muitos de seus discípulos se afastaram dele e o abandonaram*” (v. 66). O motivo do abandono, além do já citado desejo de ver a repetição do milagre do maná, gira em torno de três ideias básicas: a primeira é que alguns estavam mais interessados em ganhos materiais (pães) do que em permitir que Jesus dirigisse as suas vidas (vv. 26-27). Cabe aqui a adaptação das palavras ditas por Jesus, na famosa oração do Pai Nosso: “vinde a **mim** o **meu** reino, seja feita a **minha** vontade, antes de tudo **na terra** do que no céu”. A segunda ideia é que alguns estavam completamente satisfeitos com uma religião isenta de comprometimento (vv. 30-31). Não são poucas as pessoas que confundem o Evangelho da **graça** com um evangelho **sem valor**, sem compromisso, sem necessidade de renúncia, de arrependimento e muito menos de transformação de vida que seja acompanhada de uma mudança de postura ética, moral e espiritual. A terceira e última ideia é que alguns, particularmente Judas, enxergaram o custo do verdadeiro discipulado, da santidade de coração (vv. 53, 70-71) e não quiseram arcar com o custo. Nos dias atuais, muitos dos que se intitulam discípulos de Jesus, esqueceram completamente o fato de que, para ser realmente um discípulo de Cristo, é indispensável **negar a si mesmo** e **tomar diariamente sua cruz** (cf. Lucas 9.23) – o que implica na morte diária dos gostos, desejos e vontades pessoais. Não foi sem razão que o apologista cristão britânico Clive Staples Lewis (1898 – 1963) afirmou que “*a história da humanidade*

*é uma longa e terrível história do homem em sua tentativa de encontrar algo além de Deus que possa lhe fazer feliz”.*

## 5. NOVOS TEMPOS, A MESMA REALIDADE

A maioria de nós se acostumou a olhar para os personagens bíblicos como se eles fizessem parte de outra realidade de vida, totalmente diferente da atual. Grande engano! Concordo que a sociedade é dinâmica, evolutiva. Contudo, a natureza humana não é assim. Com todos os seus defeitos, permanece a mesma. Veja como exemplo o comportamento dos discípulos de Jesus, durante a última refeição em que todos participaram. Houve discípulos que desperdiçaram aquele momento precioso diante de Jesus, para “*discutir entre si qual deles era o mais importante*” (cf. Lucas 22.24 – NVT). Houve quem jurou pleno comprometimento com a pessoa do Senhor Jesus, mas que, na hora da provação, mostrou que o tal **comprometimento** não passava de **envolvimento** tímido e superficial (cf. Lucas 22.33-34). Houve quem comeu do próprio prato de Jesus, e ainda assim, lhe virou as costas e o traiu (cf. João 13.21-30). Preferiu lucrar com o nome de Jesus, do que ser fiel a ele. Mas, felizmente, também houve quem ocupasse lugar ao lado de Jesus, pelo simples prazer de sua companhia (cf. João 13.23). Que diferença há entre a postura desses homens e o comportamento de muitos cristãos dos nossos dias? A resposta? Nenhuma. Em todas as igrejas evangélicas há aqueles que desprezam a presença do Senhor Jesus na comunidade. Há os que se julgam superiores aos demais membros do Corpo de Cristo. Há os que até mesmo se envolvem com o Reino de Deus, mas não se comprometem. Há os que traem tudo o que Jesus representa e vivem como mercenários da fé, vendendo o nome e os milagres de Jesus a quem pagar mais. Mas, felizmente, também há aqueles amam a Deus simplesmente pelo o que Ele é e anseiam, acima de tudo, a manifestação da presença do Salvador entre eles.

## 6. CONCLUSÃO

De volta à pergunta inicial do nosso estudo, qual é a nossa resposta? **O que Deus de fato é para nós, objeto ou objetivo?** Diante de tudo o que estudamos até aqui, em nossa praticidade de vida, o nosso *slogan* tem sido “**Deus em mim**” ou “**Deus pra mim**”? Somos “consumidores” de Deus como se Ele fosse objeto ou produto que possuímos, manipulamos livremente conforme a nossa vontade e depois O descartamos? Ou nós somos “receptáculo” de Deus, com objetivo primário de ser local onde a presença divina habita e se manifesta?

Em nossos momentos de oração, quando pedimos, falamos do que Deus é capaz de fazer por nós; quando agradecemos, falamos do que Deus foi capaz de fazer por nós; mas quando O exaltamos, falamos de quem Deus é em nós! Mais **Deus em mim**... Menos **Deus pra mim**! O Deus a quem afirmamos servir, está à procura de “verdadeiros adoradores” (cf. João 4.23) e não de “verdadeiros consumidores”. Em vez do nosso interesse estar apenas nos “presentes” de Deus, precisamos que a nossa maior aspiração seja pela presença de Deus. É necessário que abandonemos de uma vez por

todas a ideia de buscarmos a Deus simplesmente por aquilo que Ele faz, e passarmos a nos comprometer primariamente e diariamente com quem Ele é.

*Soli Deo Gloria.*

## BIBLIOGRAFIA

BEALE, G. K.; CARSON, D. A.. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Trad. Robinson Malkomes, Fabiano Silveira Medeiros, Valdemar Kroker, Calos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2014. 559-563 p.

BÍBLIA BRASILEIRA DE ESTUDO. *Bíblia sagrada*. editor geral Luiz Alberto Teixeira Sayão; coordenador editorial Robinson Malkomes. São Paulo: Hagnos, 2016. 1463-1467 p.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. 149-160 p.

DOCKERY, David S.. *Manual bíblico vida nova*. Trad. Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes. São Paulo: Vida Nova, 2001. 652-654 p.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. *Comentário bíblico Beacon: João a Atos*. Vol. 7. Trad. Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. 68-74 p.

HALLEY, Henry Hampton. *Manual bíblico de Halley*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001. 554-555 p.

RICHARDS, Lawrence O. *Guia do leitor da Bíblia: Uma análise de Gênesis a Apocalipse capítulo por capítulo*. Trad. Alexandre Lacnit (Gênesis a Isaías) e Arsênio Novaes Netto (Jeremias a Apocalipse). Rio de Janeiro: CPAD, 2005. 683 p.

SALMOS DE SALOMÃO. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Salmos\\_de\\_Salomão](https://pt.wikipedia.org/wiki/Salmos_de_Salomão)>. Acesso em: 14/10/2018.

 Estudo ministrado durante o “Acampamento Ibejaste 2018” promovido pela Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP, entre os dias 02 e 04/11/2018.